

## **O ESPAÇO ESCOLAR MODELO: REPRESENTAÇÕES E INFLUÊNCIAS.**

*Délia de Oliveira Ladeia*

Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC  
deliaeducadora@gmail.com

*Cândida Maria Santos Daltro Alves*

Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC  
candida\_alves@yahoo.com.br

*Marcia Lacerda Santos Santana*

Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC  
marlacerda1@yahoo.com.br

**Resumo:** O presente estudo pretende refletir sobre uma arquitetura escolar modelo e as influências nas relações que os seus usuários estabelecem nesse espaço escolar. O entendimento de espaço, ao mesmo tempo que remete a um lugar físico construído pelo homem num dado momento histórico é também a de um conjunto de relações sociais que ocorrem na realização da tarefa social, no caso em questão, a educação formal. O suporte teórico está embasado nos estudos de Kowaltowski, (2011), Schmidt e Magro (2012), Possato e Zan (2014) e Gonçalves (1999). Para tanto, utilizou-se da pesquisa bibliográfica, entrevista aberta com os usuários do espaço (educandos, educadores e gestão escolar) e registros iconográficos. A unidade escolar pesquisada localiza-se em um município do Extremo Sul da Bahia.

**Palavras-chaves:** Arquitetura escolar. Espaço Escolar. Influências.

### **Introdução**

A vida do adulto é demarcada por imagens dos espaços vivenciados desde a tenra infância, principalmente aquelas que se referem a vida escolar. Em Schmidt e Magro (2012), todo adulto tem uma história para contar relacionada aos tempos da escola, às brincadeiras no pátio escolar, às atividades na sala de aula, ao horário da merenda. O espaço escolar, desta forma, é constituído de especificidades e singularidades que podem influenciar o processo educativo do indivíduo por toda sua vida. Vinão Frago, afirma que o espaço escolar é constituído “[...] de espaços materiais, visualizáveis. O conhecimento de si mesmo, a história interior, a memória, em suma, é um depósito de imagens. “[...] lugares nos quais algo de nós ali ficou e que, portanto

Nos pertencem, que são portanto nossa história [...]” (2001, p. 63). Dada a essa influência, todo espaço escolar deveria ser o mais apazível e desafiador possível, visto que o aluno passa a maior parte da sua vida ali, e é nesse espaço que ele vai desenvolver os conhecimentos necessários para a sua vida cidadã.

O espaço escolar, conforme afirma Alves (1998) é considerado como uma dimensão material do currículo, pois é impregnado de símbolos que exercem influências marcantes na vida do aluno, muitas vezes de modo oculto, por não estar materializado no bojo das disciplinas oficiais da escola. Nesta perspectiva, a concepção de espaço escolar nesse estudo perpassa aquela preconizada por Gonçalves (1999):

Assim, quando dizemos “espaço escolar”, estamos nos referindo, ao mesmo tempo, a um lugar físico construído pelo homem num dado momento histórico e a um conjunto de relações sociais que ocorrem na realização da tarefa social, a educação formal. De maneira geral, dizer “espaço escolar” tanto significa ao edifício construído, como a um conteúdo ou conjunto de relações pedagógicas. Tratado genericamente, o “espaço escolar” representa, então, um conjunto de acontecimentos ou relações, e também um lugar físico no território geográfico. É assim que “Espaço” assume a condição de materialidade histórica (p. 52).

Os prédios públicos escolares no Brasil, conforme ressaltam Schmidt e Magro (2012), em sua maioria, ainda são aqueles projetados para atender a escola primária, no tempo em que população do país e a clientela em idade escolar eram bem menores, o que tornam os espaços das atuais escolas inadequados para o desenvolvimento de uma educação cidadã. Nas discussões de Moacir Gadotti (2006), a concepção de educação cidadã orienta-se para e pela cidadania, contribuindo para criar as condições que viabilizem a cidadania, por intermédio da socialização da informação, da discussão, da transparência, da construção de saberes e conhecimentos socialmente significativos gerando uma nova cultura em relação a interação escola comunidade.

Existem, também, prédios escolares no Brasil projetados a partir de políticas de governo e não de uma política de Estado, ou seja, aquele tipo de projeto idealizado pelo político com o desejo apenas de identificar a marca da sua administração em determinado momento político. Na maioria das vezes, estes projetos caem no desuso, ou são fadados a depreciação e descaracterização da estrutura física, pois não foram pensados com e para a comunidade em que foram inseridos. Geralmente, são projetos faraônicos, desvinculados de um projeto político

pedagógico, o que pode inviabilizar que um próximo governo faça a adequada gestão do espaço escolar e a manutenção da estrutura física do prédio. A pesquisadora e arquiteta Doris Kowaltowski (2011), afirma nos seus estudos que a partir do desenvolvimento do projeto de arquitetura se constitui o espaço físico escolar e que o prédio de uma escola é a concretização de uma visão da educação e de seu papel na construção da sociedade.

Neste sentido, apoiamos em Possato e Zan (2014), ao apresentar o espaço físico, enquanto tradutor das relações de poder existentes tanto dentro e quanto fora desse espaço. As autoras afirmam que a organização da arquitetura é igual a uma organização política. A organização dos espaços escolares se estruturam por discursos produzidos pelo poder e a estrutura física materializa as relações sociais existentes no seu interior e no imaginário social, transformando-se em um dispositivo que classifica, organiza, ordena e hierarquiza os indivíduos, cumprindo assim, a função de disciplinar e de domesticar, “cujos os efeitos ideológicos, uma vez internalizados, estará sempre presentes ao longo da vida de cada pessoa” (FUNARI E ZARANKIN, 2005, p.142).

Diante disso, foi realizada investigação sobre o espaço físico escolar da rede pública estadual de um município localizado no extremo sul da Bahia, cuja arquitetura escolar segue o projeto padrão denominado escola modelo. A unidade de ensino pesquisada atende alunos do ensino médio nos três turnos. As ferramentas utilizadas para reflexão neste trabalho foram: pesquisa bibliográfica, observação do cotidiano da escola quanto aos aspectos de organização e utilização do espaço escolar, entrevista aberta com os usuários deste espaço (educandos, educadores e comunidade) e levantamento de dados através de documentos.

Partindo dos estudos de Kowaltowski (2011), Schmidt e Magro (2012), Possato e Zan (2014) e Gonçalves (1999), nos quais evidenciaram que o prédio escolar é a concretização de uma visão de educação, que o espaço escolar exerce influências marcantes na vida do aluno, e que o tipo de arquitetura escolar pode servir para disciplinar e domesticar, o presente estudo objetiva refletir sobre uma arquitetura escolar pública e as influências nas relações que os seus usuários estabelecem nesse espaço escolar.

Assim, apresentaremos nas linhas a seguir a caracterização do objeto em análise e as influências e representações deste espaço.

## **Arquitetura escolar modelo: situando o espaço em questão.**

Pesquisas realizadas sobre o projeto das escolas modelo implantados no estado da Bahia no final da década de noventa, revelaram que não existe literatura acessível que retrate sobre o processo de construção e de implantação destas unidades escolares. Durante o desenvolvimento deste estudo encontramos uma publicação de março de 2014 no site do PIBID UFES, onde foi divulgado que em 1998, logo após o falecimento súbito do deputado federal Luís Eduardo Magalhães, filho do ex-governador da Bahia e então senador Antônio Carlos Magalhães, foi decretada a construção de “colégios modelo” exclusivos para o ensino médio nas principais cidades da Bahia, os quais levaram o nome de Luís Eduardo Magalhães em homenagem ao idealizador do projeto. A construção desses colégios, no território baiano, iniciou logo após a publicação do ato oficial nº 7.293 no Diário Oficial do Estado em maio de 1998, e a maioria deles foram construídos em menos de um ano.

Muitas edificações escolares, segundo Kowaltowski (2011), seguem projeto padrão procurando atender aos objetivos econômicos, à racionalidade construtiva e a funcionalidade, mas nem sempre a padronização leva em conta situações locais específicas, resultando em ambientes escolares desfavoráveis, com problemas de conforto ambiental. Outro fator que a autora apresenta para a utilização de projetos padrão nas edificações públicas, especialmente no prédio escolar, é o reconhecimento da tipologia construtiva como uma assinatura ou símbolo da gestão, a exemplo da marca colégio modelo Luiz Eduardo Magalhães registrada nas principais cidades do Estado da Bahia. A grosso modo, como afirma Kowaltowski (2011), é como se a arquitetura se transformasse em uma marca do governo em detrimento da necessidade educacional.

No caso da escola pesquisada, antigos funcionários comentaram que não houve participação da comunidade no processo de construção da escola. Os discursos políticos da época justificaram a construção à uma demanda quantitativa do ensino médio, para suprir o déficit de salas de aula no município e sobretudo a expectativa de um ensino público com qualidade e compromisso. No entanto, a obra foi inaugurada e ficou quase dois anos sem ser utilizada, pois não havia demanda suficiente de alunos e tanto a equipe gestora, como os professores não tinham sido designados e nem capacitados para atuarem no então colégio “modelo” demonstrando

ausência da participação dos futuros usuários, conseqüentemente uma desarticulação entre o projeto proposto e a realidade local.

Kowaltowski, Moreira e Deliberador (2012), recomendam que os futuros usuários de um determinado espaço físico em construção participem do programa arquitetônico através de metodologias específicas de APO – Avaliação Pós Ocupação, por serem fontes importantes de informações. O processo participativo visa enriquecer o levantamento de dados para o desenvolvimento do programa arquitetônico, ajudar na partilha da tomada de decisão e valorizar os usuários, ampliando a confiança destes nas metas propostas para o projeto. Especialistas de vários assuntos, com visões sobre aspectos sociais, econômicas, pedagógicas e ambientais da região onde será implantado o projeto, bem como conhecimento técnico de conforto ambiental e de infraestruturas prediais, também devem contribuir nestas discussões, orientam os autores.

De acordo com os dados pesquisados na secretaria escolar, a escola modelo, objeto desta investigação, é mantida pelo governo do estado da Bahia e administrado pela SEC – Secretaria Estadual de Educação. Ela foi criada em novembro de 2003 e autorizada a funcionar em maio de 2006. A unidade de ensino está inserida em um bairro residencial periférico com a finalidade de atender aos alunos do Ensino Médio. Nos primeiros anos de funcionamento, a mesma atendia o Ensino Fundamental e apenas o 1º ano do Ensino Médio, pois não havia clientela. Atualmente, a matrícula é destinada apenas a última etapa da educação básica, perfazendo um total de 636 alunos matriculados. A maioria destes são jovens e adolescentes entre 14 e 20 anos, atendidos no turno diurno e uma pequena porcentagem de jovens e adultos concentrados no turno da noite.

A gestão escolar e o processo ensino aprendizagem da escola são efetivados por 77 funcionários sendo, 01 diretor e 03 vices, 35 professores e 28 funcionários entre secretário, vigias, auxiliares administrativos e de apoio. Em Kowaltowski (2011) a qualidade do ambiente escolar depende da qualidade dos recursos humanos que o compõe e a qualidade das relações humanas desenvolvidas nesse espaço é o fator que mais influencia a qualidade do ensino.

Atentando, ainda, para uma definição de espaço, Milton Santos, (1997) geógrafo e professor membro do grupo de geografia crítica da Universidade de São Paulo, USP, aponta que espaço é uma reunião dialética de fixos e fluxos, formado por relações de produção, relações sociais e, também, por um sistema de objeto e um sistema de ações que interagem. No caso do

espaço escolar, local onde se processa o ensino aprendizagem, pode-se afirmar, segundo Schmidt e Magro (2012), que fixo é o próprio prédio projetado segundo as normas e padrões técnicos e o fluxo corresponde ao movimento das pessoas que ali interagem, da cultura, dos signos e significados que passam a integrar o espaço.

É neste contexto de espaço escolar, que a cada dia ganha nova vida repleta de sentidos, especificidades, singularidades e sutilezas próprias, conforme vai sendo ocupado e apossado por educandos, educadores e comunidade, que este estudo passa a refletir sobre a arquitetura escolar “modelo” e as influências nas relações que os seus usuários estabelecem nesse espaço físico escolar.

### **O modelo arquitetônico do espaço escolar: representações e influências nas relações dos seus usuários.**

A qualidade da arquitetura escolar, conforme ressaltado anteriormente, afeta profundamente os seus usuários, inclusive influenciando os índices de desempenho do ensino e produtividade. Para Kowaltowski (2011 e 2012), as questões econômicas dos educandos, os métodos de ensino, o currículo, os materiais didáticos, as práticas pedagógicas estão relacionados ao desempenho das escolas, mas o conforto ambiental (aspecto térmico, visual, acústico e funcionalidades dos espaços externos e internos), é fundamental para a produtividade no trabalho ou na aprendizagem. Assim, em se tratando da necessidade de existência de nexos entre o projeto arquitetônico e o projeto político pedagógico da escola e a organização e utilização do espaço escolar, Goncalves (1999), afirma o seguinte:

A organização do espaço escolar, como expressão de uma concepção de homem e de mundo, tanto pode contribuir para manutenção e reprodução do imaginário social legitimando uma “ordem”, cuja raiz se baseia em uma relação de dominação, como pode suscitar a reação e a construção de uma alternativa de mundo e sociedade (p. 48).

A arquitetura escolar modelo em questão é moderna, com bom acabamento o que proporciona um padrão estético agradável aos usuários. Kowaltowski (2011), afirma que edifícios

bem projetados e uma nova escola pode exercer um impacto positivo sobre as pessoas que moram no entorno destas instituições e que usam a escola como espaço de lazer e cultura, valorizando todo o entorno, principalmente quando se trata de bairros periféricos. Na figura 1, abaixo, destaca-se a fachada e a visão parcial do entorno da unidade escolar modelo.



Figura 1 – Fachada da Escola Modelo

No que se refere à estrutura, essa unidade é bem arrojada e inovadora, se comparada às demais edificações do seu entorno. Enormes vigas pré-moldadas de concreto armado sustentam todo o prédio. As janelas das salas são grandes caixilhos de ferro e vidro, do tipo básculas, que se abrem para parte externa do prédio. Segundo relatos dos professores e alunos, essa estrutura arquitetônica apresenta desconforto ambiental. Por se tratar de uma região próxima ao litoral, há grande incidência de luz solar nas salas de aula durante todo o dia. Não é possível uma ventilação cruzada, pois as salas de aula dão acesso ao corredor e as portas precisam permanecer fechadas para não comprometer a acústica, fazendo com que o calor e a luminosidade sejam insuportáveis. Nesta perspectiva, Kowaltowski (2011), aponta que:

O conforto térmico é o problema mais grave no Brasil. Como destacam Kowaltowski et al. (2001) o conforto térmico de um ambiente é essencial para o bem estar e o desenvolvimento das atividades dos usuários. Situações de desconforto, causadas por temperaturas extremas, falta de ventilação adequada, umidade excessiva combinada com temperaturas elevadas, radiação térmica provocada por superfícies muito aquecidas, são prejudiciais. Psicologicamente, provoca apatia e desinteresse pelo trabalho, o que é desfavorável numa ambiente escolar (p.188 e 189).

Além disso, observou-se, também, que existem rachaduras na estrutura física do prédio escolar, infiltração no telhado e alguns elementos construtivos necessitam de reposição, conforme pode ser observado no registro icnográfico nas figuras 2 e 3 que seguem, abaixo:



Figura 2: Estrutura com rachadura no 3º andar

Figura 3: Infiltrações no telhado e paredes

Tanto o telhado como as redes elétrica e hidráulica dos três blocos que compõem a área construída da escola necessitam de reparos. A gestora escolar relatou que tem dificuldades para solucionar esses problemas, pois não é permitido fazer nenhuma intervenção na edificação sem um laudo técnico do engenheiro civil da Secretaria Estadual de Educação, e o processo para autorização do serviço é longo e burocrático. A arquiteta Kowaltowski, (2011) salienta que projetos e obras padronizadas que absorvem mão de obra especializada, equipe com treinamento específico e avanços tecnológicos na construção deveriam resultar em menos falhas, uma vez que o modelo padrão é construído, testado e avaliado.

Além dos três blocos de edificações, a escola modelo tem uma quadra poli esportiva e uma grande área livre que abrange mais de 1.500 m<sup>2</sup>. O bloco principal tem três andares, sendo que no primeiro e no segundo localizam-se as salas de aula, de vídeo, de professores, depósitos e banheiros. No terceiro estão localizadas as salas do grêmio, colegiado escolar e laboratórios de ciências, linguagens e informática, entretanto, esses espaços nunca foram devidamente equipadas e utilizadas. O andar térreo agrega a parte da administração escolar (Figura 4), sala de professores

e um pátio com refeitório e a cozinha conjugados (Figura 5). Conforme estas figuras os espaços escolares neste andar são isolados por grades, dando a impressão de que os usuários estão presos em celas.



Figura 4: Administração escolar

Figura 5: Pátio refeitório e acesso a cozinha

Na figura 6, abaixo, observamos a existência de um enorme portão de ferro que separa o bloco principal das áreas externas e dos demais blocos. A orientação da gestão é manter esse portão fechado. Segundo relatos dos gestores, essas grades transmitem segurança para os usuários e colaboram no controle da disciplina dos alunos. No entanto, os alunos entrevistados não apoiam essa atitude, pois se sentem vigiados, sem liberdade de ir e vir dentro da própria escola, como se estivessem dentro de uma prisão.



Figura 6: Portão de Acesso ao prédio principal andar térreo

Para fundamentar nossa análise sobre esta arquitetura com tantas grades nos apoiamos nos estudos de Foucault (1987) ao esclarecer que as prisões possuem mecanismos internos de repressão e punição, que promovem a regulação do corpo do detento através da coação estimulada por uma educação total, reguladora de todos os movimentos do corpo, privando-o de liberdade. Possato e Zan (2014), pontuam que a arquitetura pode ser compreendida como um tipo de comunicação não verbal.

Neste sentido, questionamos essa configuração na seguinte questão: o que a arquitetura “modelo” estaria tentando comunicar aos seus usuários, uma vez que o sentimento de aprisionamento e controle está visivelmente representado no espaço escolar, nas grades da edificação e na manutenção do portão sempre fechado? A resposta pode ser pensada a partir do currículo oculto da escola que silenciosamente influencia e afeta o processo de ensino aprendizagem em meio às práticas, atitudes, comportamentos, gestos, percepções, que vigoram no espaço escolar, deixando marcas que sobrevivem ao tempo, demarcando a história de vida dos seus usuários. Gonçalves, (1999) analisando o currículo oculto na arquitetura escolar adverte que:

Verificar o valor simbólico com que se reveste a escola vai além de uma análise esquemática de seu funcionamento, de suas dimensões, de sua história. A escola, assim como a casa é um símbolo social que demarca o uso e a relação de seus usuários. (p. 52)

Outro espaço escolar observado nesta pesquisa foram as rampas do bloco principal apresentadas nas Figuras 7 e 8 que se seguem.



Figura 7: Visão geral das Rampas      Figura 8: Rampa de acesso ao 1º andar

Elas são largas com corrimãos resistentes e bem sinalizadas, proporcionando aproximar a comunicação e a convivência entre os usuários dos três andares. Neste contexto, a arquitetura garantiu às pessoas com deficiência, o direito de ir e vir dentro da escola e de participar das atividades com o máximo de independência possível. Além de cumprir o papel funcional, as rampas constituem-se um espaço importante de múltiplas aprendizagens pois, ali é o local de encontros, trocas de experiências, bate papo, brincadeiras, paqueras, estudos, exposição de atividades pedagógicas, enfim uma extensão das salas de aula e das relações interpessoais.

Durante a coleta de dados educandos e educadores registraram que a rampa também é espaço de brigas, desavenças, ameaças, desacatos, reivindicações e demonstração de algum tipo de descontentamento. A rebeldia e o desrespeito são demarcados frequentemente através da depredação de cartazes produzidos pelos próprios alunos nas atividades pedagógicas e dos equipamentos de segurança que são fixados nas paredes que circulam as rampas do primeiro ao último piso. A rampa constitui-se algumas vezes, palco de violência física entre os alunos que se agridem fisicamente ou com atitudes de *bulling*<sup>1</sup>. Educandos entrevistados se mostraram insatisfeitos e ofendidos quando nas rampas os colegas gritam pelos seus apelidos, falam nomes pejorativos, soltam piadinhas, recebem ameaças físicas e assédio moral ou ouvem insultos aos seus professores.

As autoras Possato e Zan (2014) em sua pesquisa sobre violência escolar chamam atenção para a análise do fenômeno na sociedade francesa realizado por Charlot (2002) sobre os atos violentos que atingem a escola, deixando vulnerável a ideia tradicional da escola enquanto espaço protegido, como ambiente sagrado. Esse estudioso afirma que três dimensões mobilizam a lógica dessa violência: violência na escola, violência à escola e violência da escola.

Cabe ressaltar que nas duas primeiras dimensões, violência na/à escola, segundo Charlot, o aluno é o protagonista, na maioria das vezes. No caso deste estudo evidencia-se nas rampas a violência na escola relacionada à demarcação de território, acerto de contas entre os próprios alunos. Enquanto que a violência à escola referenda-se no descontentamento do alunado em relação as atividades escolares propostas resultando em depredação do patrimônio escolar, insultos

---

<sup>1</sup> O uso do termo *bulling* neste trabalho refere-se a xingamentos que usualmente os adolescente trocam entre si, causando pequenos conflitos entre eles.

e agressões aos professores e funcionários. Os alunos externam a violência que “visam diretamente a instituição e aqueles que a representam” (CHARLOT, 2002, p.434).

No que se refere à dimensão da escola, apontada pelo estudioso francês como violência implícita nas arquiteturas escolares, podemos constatar na nossa investigação que tal violência pode ser percebida na quantidade de grades utilizadas na estrutura do prédio escolar principal da escola modelo em análise, conforme já registrado nas figuras 5, 6 e 7. Foucault (1976) alerta sobre a importância de se perceber o quanto o espaço influencia na produção de corpos dóceis, submissos, domesticados mediados por dispositivos numa rede capilar de micropoderes, no qual o poder disciplinar atentaria a normalização do espaço social, no nosso caso específico, alunos obedientes mantidos dentro das grades impostas pelo modelo arquitetônico modelo legitimado pelo poder instituído à direção escolar.

Em se tratando do padrão de embelezamento, pode-se constatar na área externa da escola modelo em análise a localização de uma quadra poli esportiva e ampla área verde agregando jardins humanizados na entrada e nas laterais dos blocos, (Figura 9) o que proporciona padrão estético agradável aos usuários. Uma parte do muro que dá acesso à escola é de grades vazadas, (Figura 10) dando uma certa leveza ao entorno e uma sensação de contato direto com os transeuntes e moradores.



Figura 9: Jardim entre biblioteca e bloco principal Figura 10: Grades que separam a escola da rua

Segundo Kowaltowski (2011), a natureza ensina aspectos diversos das estruturas ecológicas como um estímulo ao pensamento criativo. A sua afinidade estética, variação, cores, funções de controle da luz e do clima são considerados agradáveis, satisfatórias e necessárias no ambiente escolar. A autora argumenta que:

A natureza ou a vegetação como princípio de humanização da arquitetura, relaciona-se à satisfação visual, com a percepção da beleza das paisagens e com a relação do ser humano com o sentimento de ambientes saudáveis. (p. 168)

Com entrada independente, conforme percebe-se na figura 10 e capacidade de acolher 300 pessoas, o auditório foi estruturado com palco padronizado, sala de sonoplastia, camarins, banheiros e recepção. A gestora da escola relatou que além das manifestações culturais e pedagógicas escolares este espaço é também aberto à comunidade, visto que em cidades do interior e em bairros periféricos não é muito comum prédios públicos com tamanha estrutura. Variadas atividades sociais, a exemplo de reuniões de órgãos governamentais, palestras, seminários, formação de professores, encontros de igrejas e entidades sociais são, frequentemente, desenvolvidas neste espaço o que configura um pouco da dinamização da cultura local dentro da escola.



Figura 10: Entrada do auditório



Figura 11: Biblioteca

A biblioteca conforme a figura 11, acima, foi projetada estrategicamente na área externa, no corredor de acesso principal, com as paredes quase todas de vidro, o que proporciona um convite constante ao momento do deleite das leituras e às atividades de pesquisa dos alunos e professores. Contudo, foi observado que o acervo ainda é restrito aos livros didáticos, não foi

encontrado em abundância obras literárias e de cunho artístico-científico, bem como revistas, jornais, periódicos entre outros. O Laboratório de informática existente dentro da biblioteca poderia ser o elemento motivador de mais leituras e pesquisas on line, entretanto, nunca funcionou adequadamente, devido à falta de equipamentos. No momento só existe o espaço vazio utilizado como depósito para mesas, cadeiras etc. Este também poderia ser um local aberto à comunidade local, visto que o bairro onde a escola está inserida atende a uma grande quantidade de moradores desprovidos de bens materiais e certamente carentes e sedentos pelo mundo da leitura.

Nesse sentido, podemos inferir que a arquitetura escolar não pode ser apenas projetada e construída aleatoriamente. Ela precisa ter significado e funcionalidade para os seus usuários e estabelecer nexos com a educação escolar. Segundo Gonçalves, (1999) “[...] a ausência de vínculos mais estreitos entre a pedagogia e a arquitetura subtrai de seus usuários a faculdade de perceber as determinações, as possibilidades e os limites que a arquitetura coloca para a sua prática”. (p. 48)

Souza (2011) com base em dados do informativo da Agência Geral de Comunicação Social do Estado da Bahia, AGEKOM, em 20 de maio de 2006, (época em que foi inaugurado o Colégio Luís Eduardo Magalhães), faz a seguinte consideração: “Os colégios-modelo oferecem uma educação inovadora, colocando a tecnologia a serviço de um currículo que atenda às exigências da sociedade contemporânea. O objetivo é desenvolver alunos críticos e criativos”. (2011, p.159)

Corroborando com estas colocações de Souza (2011) acerca dos colégios modelos e o objetivo subjacente, percebe-se que existe certa desconexão no discurso que fora veiculado pela AGEKOM do governo da Bahia há mais de uma década, principalmente, quando o governo atribuiu a esta arquitetura escolar modelo o papel de oferecer uma educação inovadora com a tecnologia a serviço de um currículo que atenda às exigências da atual sociedade. Os estudos nesta investigação apontam que um espaço escolar inovador precisa estar em sintonia com o projeto pedagógico dos seus usuários e ao tempo também necessita estar equipado e adequado com os processos de ensino aprendizagem, para que tanto o processo educativo, quanto o espaço escolar, sejam apropriados por todos aqueles que o utilizam, possibilitando um bom desempenho escolar e conseqüentemente uma formação de qualidade.

## Considerações

Enfim, o presente estudo pretendeu refletir sobre uma arquitetura escolar modelo e as influências nas relações que os seus usuários estabelecem nesse espaço escolar. O nos remeteu ao entendimento de espaço, não apenas como um lugar físico construído pelo homem num dado momento histórico, mas também a de um conjunto de relações sociais que ocorrem na realização da tarefa social, no caso em questão, a educação formal.

É interessante destacar que um projeto arquitetônico do espaço escolar, bem como as transformações ocorridas nesses ambientes de aprendizagem não estão desvinculados da discussão e reflexão do sistema de valores. Cada parede, sala de aula, rampas, diretorias, quadras expressam mensagens, comunicam sobre determinado tema; estão, de certa forma, apresentando em seu corpus uma linguagem multifacetada aos seus diversos usuários.

Com vistas a essa diversidade de linguagens presentes na arquitetura das escolas e tudo que foi discutido neste trabalho, entende-se que faz-se necessário ampliar a reflexão sobre a arquitetura das escolas modelo, assim como a padronização de escolas de um modo geral, pois conforme demonstramos nesta investigação existem muitos pontos positivos, mas que podem ser superados pelos negativos, principalmente quando não se leva em conta a especificidade, as realidades locais, as leituras feitas acerca da linguagem dessa arquitetura pelos usuários desse espaço; e principalmente o nexos entre o projeto da escola e o projeto arquitetônico do prédio escolar idealizado.

Nessa perspectiva, é complicado erigir um projeto de construção padronizado do tipo modelo nas escolas brasileiras, pois a arquitetura desses espaços está diretamente relacionada à qualidade ambiental da construção, ou seja, compreendem fatores visual, acústico, térmico e funcional, proporcionado pelos espaços físicos internos e externos. Muitos destes fatores estão relacionados às condições físicas da região, que nem sempre são levadas em consideração no momento de execução da obra.

Mesmo numa obra padronizada, como a de um colégio modelo, o presente estudo evidenciou defeitos construtivos na estrutura de telhados, paredes, instalação hidráulica e elétrica e problemas alusivos ao conforto ambiental. Este fator evidencia que futuros usuários de qualquer

obra, principalmente aquelas voltadas ao atendimento público, necessitam participar do programa arquitetônico; APO – Avaliação Pós Ocupação, o que pode evitar falhas futuras, uma vez que o modelo padrão é construído, testado e avaliado.

As observações sobre o padrão estético e a composição física dos espaços da escola modelo de um modo geral são agradáveis e de alta qualidade, embora as representações e influências nas relações dos seus usuários tenham demonstrado que nem sempre o ambiente é propício para o desenvolvimento de intervenções didáticas significativas realizadas pelo professor, diretor ou quaisquer outros envolvidos.

Entende-se que o projeto arquitetônico das escolas modelo buscou primar pela criação de um espaço de aprendizagem; no entanto, após investigação, evidencia-se que a humanização não foi considerada em sua amplitude ao se construir rampas como espaços para agressões, ao se projetar grades que acentuam o cerceamento da liberdade, ao se construir espaços de leitura, sem considerar a prioridade do aproveitamento e funcionalidade adequada deste espaço; por fim, assim como argumenta Souza (2011), deveria considerar, inclusive, o discurso político capaz de formar alunos críticos e criativos, assim como a possibilidade de uma educação inovadora, colocando a tecnologia a serviço de um currículo capaz de atender às exigências da sociedade contemporânea.

Em vista do que foi discutido, deveríamos ponderar sobre essa questão pontuando o seguinte: será que os projetos modelo contemplam de fato a humanização ou somente a forma? Será que há um projeto de funcionalidade sensibilizado acerca do possível olhar dos usuários desses espaços de aprendizagens e as heterogeneidades dos sujeitos?

Nesse sentido, é preciso que haja a defesa de um projeto arquitetônico escolar que respeite a variadas instâncias, inclusive privilegie os espaços de diálogo contendo variados atores sociais, desde o arquiteto até os sujeitos que fizeram uso da escola modelo, no intuito de constatar a efetividade de cada espaço. Por fim, investigar sobre a importância ou não de determinados espaços do projeto modelo, no intuito de traçar um novo retrato desse cotidiano escolar no qual privilegie de fato a relação ensino aprendizagem.

## REFERENCIAS

ALVES, Nilda. O Espaço Escolar e Suas Marcas: o espaço como dimensão material do currículo. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

Doris C.C.K. Kowaltowski, Arquitetura Escolar: o projeto do ambiente de ensino São Paulo: Oficina de Texto. 2011.

KOWALTOWSKI, Doris C.C.K. MOREIRA, Daniel de Carvalho. DELIBERADOR, Marcella Savioli. O programa arquitetônico no processo de projeto: discutindo a arquitetura escolar, respeitando o olhar do usuário. Rio de Janeiro. 2012

DOURADOS, F. L. Educação e Sociedade. Campinas: Cortes, 2007

FOUCAULT, M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 2003.

. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1977.

FUNARI, P.P., ZARAKIN, A. Cultura material escolar: o papel da arquitetura. Proposições, n.16, v. 1, p.135-144. Campinas: Unicamp, 2005.

GADOTTI, M. Escola Cidadã. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção questões da nossa época, v. 24).

SANTOS, M. Técnica, Espaço e Tempo: Globalização e Meio Técnico científico. São Paulo: Hucitec, 1997

UEFES, PIBID. Colégio Modelo Luiz Eduardo Magalhães disponível em: <https://pibidespanholuefs.wordpress.com/colégio-modelo-luiz-eduardo-magalhaes/> acesso em 12/07/2017.

SOUZA, T.S..A. Escola, Espaço e Discurso. São Paulo: Capyright, 2011

SCHMIDT, I.T. MAGRO, M. O gestor e a organização do Espaço Escolar. XVI ENPIDE- Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino – UNICAMP: Campinas. 2012

FRAGO, A.V. ESCOLANO, A. ín. Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa. [Tradução de Alfredo Veiga-Neto]. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

ZAN, D. POSSATO, B.C. Espaços cerrados: as marcar da violência e do controle na arquitetura das escolas. Revista e-curriculum, São Paulo, v.12, n.03 p.2176 -12191 out./dez 2014 ISSN: 1809-3876 Programa de Pós-graduação Educação: Currículo – PUC/SP <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum> acesso em 1/07/2017